

# METAMORFOSES

PENSAR O MUNDO EM TEMPOS DE PANDEMIA

O povo pelo povo, a solidariedade nas comunidades



**Jera Guarani**

Liderança guarani na terra Tenondé Porã, pedagoga formada pela USP e pesquisadora das sementes tradicionais.

**Fábio Ivo Aureliano**  
Líder comunitário, Rede Brasilândia Solidária, foi conselheiro tutelar por 8 anos e articulador de cooperativa de reciclagem.



Mediação/Análise:  
**Mariana Ruocco**

Nutricionista, mestranda do Programa de Formação Interdisciplinar em Saúde da USP e assistente da Gerência de Saúde e Alimentação do Sesc São Paulo

15/10 – 17h  
Inscrições a partir de 28/09  
[bit.ly/ciclotmetamorfoses](https://bit.ly/ciclotmetamorfoses)

Realização:

instituto  
casa comum

sesc

**Solidariedade: a fome não pode esperar**

**Mariana Meirelles Ruocco**

Dada a essencialidade da alimentação para a vida de todos os seres humanos, ela é um direito, conforme a Emenda Constitucional nº 64 de 2010, que introduziu, no artigo 6º da Constituição Federal, o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA). Mas de que tipo de alimentação estamos falando? Para responder esta questão, trago aqui o conceito de Alimentação Adequada e Saudável, que surgiu em 2007, durante a III Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) e embasa documentos normativos oficiais nacionais: “Alimentação Adequada e Saudável é a prática alimentar apropriada aos aspectos biológicos e socioculturais dos indivíduos, bem como ao uso

sustentável do meio ambiente. Ou seja, deve estar em acordo com as necessidades de cada fase do curso da vida e com as necessidades alimentares especiais; referenciada pela cultura alimentar e pelas dimensões de gênero, raça e etnia; acessível do ponto de vista físico e financeiro; harmônica em quantidade e qualidade; baseada em práticas alimentares produtivas adequadas e sustentáveis com quantidades mínimas de contaminantes físicos, químicos e biológicos”.

Em suma, o direito à alimentação contempla não somente a essencialidade da oferta de nutrientes e calorias para manter o corpo vivo, mas considera também o atendimento às necessidades que abarcam as dimensões culturais, sociais e tantas outras, de indivíduos e grupos. Apesar disso, dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicados em setembro deste ano, mostraram que em 2018 o Brasil contava com mais de 10 milhões de brasileiros que não sabem se conseguem fazer a próxima refeição, indicando o retorno do Brasil ao Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Esses dados revelam um retrocesso importante nessa área, já que em 2014 o Brasil alcançou um fato histórico ao deixar pela primeira vez o Mapa da FAO. Além da fome ser um problema de enorme gravidade, temos que enfrentar também o excesso de peso, que acontece de forma concomitante e atinge 57%, dos brasileiros. Esta carga de problemas alimentares não acomete apenas o Brasil. Em todo o planeta são 820 milhões de famintos e 2,3 bilhões de pessoas com excesso de peso.

Mas como explicar a coexistência contraditória da fome e do excesso de peso? O assunto é complexo. Um dos fatores está ligado aos sistemas alimentares atuais, que oferecem abundância de alimentos ultraprocessados. Na falta de recursos para obter alimentos muitas pessoas ficam sem opções de escolha e, somado, muitas vezes, ao desconhecimento sobre alimentação saudável, acabam consumindo alimentos mais baratos, acessíveis e fáceis de consumir em detrimento aos alimentos frescos, nutritivos e preparações feitas em casa.

Mas se o cenário alimentar já não era bom, a pandemia da Covid-19 agravou de forma ímpar, não somente a saúde, mas afetou também aspectos econômicos, sociais e culturais de todo o planeta. Esse panorama que estamos enfrentando gerou um aumento significativo de pessoas em situação de vulnerabilidade. Mas quem tem fome não pode esperar a crise sanitária passar. Organizações e sociedade, sensibilizadas com a causa, se uniram para a criação e ampliação de redes de solidariedade com a intenção de garantir uma alimentação diária para muitos que agonizam sem ter o que comer.

Voltando ao tempo, 25 anos atrás, em 1994, época em que a fome atingia níveis alarmantes no Brasil, o Sesc SP criou o Programa *Mesa São Paulo*, hoje intitulado *Mesa Brasil Sesc São Paulo*, ampliando e consolidando as ações da instituição na área de Segurança Alimentar e Nutricional. Com o

compromisso de minimizar a insegurança alimentar da população e o desperdício de alimentos, o Programa atua como um elo entre empresas doadoras e instituições sociais receptoras. Os números falam por si: 1,2 mil empresas parceiras, 1,1 mil instituições cadastradas, 5,5 mil toneladas de alimentos distribuídos somente em 2019, complementando a refeição de 188,5 mil pessoas. O Programa promove ainda ações educativas voltadas para as pessoas assistidas nas instituições, visando ampliar o conhecimento, a autonomia e incentivar hábitos alimentares saudáveis.

Com a situação atual imposta pela pandemia de Covid-19, o Programa reuniu esforços e ampliou sua rede de solidariedade e com isso, aumentou a oferta de produtos e o número de pessoas atendidas. Alimentos como arroz, feijão, leite e hortifruti que já faziam parte da rotina de coleta e doação diária, foram acrescidos de itens como cestas básicas e kits de higiene pessoal e de limpeza. O trabalho realizado a partir de abril deste ano resultou, até o fechamento desta edição, na arrecadação de mais de 4,5 mil toneladas de alimentos, 65% maior que o arrecadado no mesmo período do ano anterior, e no atendimento de aproximadamente 116 mil famílias, além das pessoas já atendidas nas instituições cadastradas.

Inspiradas por Josué de Castro, a criação e a ampliação de iniciativas que integram instituições e sociedade ocorridas durante a pandemia, evidenciam a potência de tecer redes de solidariedade na luta para minimizar as desigualdades sociais e os problemas alimentares. Que elas sirvam de estímulo e deixem legados para que outras instituições e pessoas possam enfrentar, em conjunto, este desafio. Afinal, como disse Herbert de Souza, o Betinho “Só a participação cidadã é capaz de mudar o país”.